

# Jardins, Espaço Urbano e Turismo: o caso de Ponta Delgada – São Miguel (Açores)

Gardens, Urban Space and Tourism: the case of Ponta Delgada – São Miguel (Azores)

Susana Silva \*<sup>1</sup> e Paulo Carvalho \*\*<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Faculdade de Letras

<sup>2</sup>Universidade de Coimbra, Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território, Faculdade de Letras

---

## Resumo

A exploração e o consumo de dimensões tipicamente associadas e oferecidas pelo espaço da cidade – história, cultura, modernidade e suas interseções – constituem o cerne do turismo urbano. Os parques e jardins também fazem parte desse consumo urbano turístico. Microcosmos da história e da cultura, refletindo assim a identidade de uma cidade, os jardins fazem parte das estratégias de diversificação da oferta turística urbana, desempenhando um papel de crescente relevância na atratividade, e a sua integração em itinerários turísticos tem contribuído para promover uma abordagem holística dos destinos urbanos. Fruto da sua evolução histórica, a ilha de São Miguel (Açores) detém um valioso património de jardins, pelo que este trabalho propõe analisar o papel dos jardins na oferta e na estratégia turística, com foco especial em Ponta Delgada, que se destaca como um dos principais destinos turísticos dos Açores. Pretende-se identificar fatores de atração, avaliar a dimensão da procura nos últimos anos, assim como as dinâmicas e os constrangimentos de visitação observados, e avançar com recomendações numa abordagem prospetiva.

*Palavras-chave:* Jardins. Espaço urbano. Turismo. Ponta Delgada-Açores.

## Abstract

The exploration and consumption of dimensions typically associated with and offered by the city's space – such as history, culture, modernity, and their intersections – constitute the core of urban tourism. Parks and gardens are also part of this urban tourist consumption. As microcosms of history and culture, and reflections of a city's identity, gardens are part of the strategies to diversify urban tourist offerings, playing an increasingly relevant role in attractiveness, and their integration into tourist itineraries has contributed to a more holistic approach to urban destinations. Due to its historical evolution, the island of São Miguel (Azores) has a remarkable garden heritage. This work aims to analyze the role of gardens in the touristic offering and strategy, with a special focus on Ponta Delgada, one of the main tourist destinations in the Azores. The objective is to identify factors of attraction, assess the scale of demand in recent years, evaluate the dynamics and constraints of visitation, and propose recommendations from a prospective approach.

*Keywords:* Gardens. Urban space. Tourism. Ponta Delgada-Azores.

---

## 1. Introdução

As cidades, resultado da sua evolução temporal e contextual, foram acumulando história e memória que se encontram refletidas no seu património. Devido à amplitude de património, as cidades assumem-se como destinos multi-atração (Hunt & Crompton, 2008), justificando a proliferação de modalidades turísticas que as definem, de igual modo, como destinos multivocação (Brito-Henriques, 2003). Os parques e jardins históricos, enquanto elementos que se encontram na confluência entre a dimensão natural e cultural, constituem um desses patrimónios disponíveis em meio urbano, que vêm granjeando cada vez mais atenção e mobilizando visitantes numa tendência crescente, justificando a sua organização e integração nos roteiros das cidades.

---

\*Email: [susana.silva@uc.pt](mailto:susana.silva@uc.pt)

\*\*Email: [paulo.carvalho@fl.uc.pt](mailto:paulo.carvalho@fl.uc.pt)

Nos Açores, nomeadamente na ilha de São Miguel, o turismo tem-se desenvolvido de forma consistente desde o início do século XXI, em particular após a liberalização do espaço aéreo em 2015 e a chegada das companhias de baixo custo, que têm dado um contributo determinante para a visibilidade do destino (Câmara, 2018; Silveira et al., 2023). Desta forma, o turismo tem-se posicionado como um dos mais importantes setores económicos da região, alicerçado nos ativos singulares da natureza e do património cultural, que amiúde vêm sendo reconhecidos (Silveira et al., 2023). Por exemplo, é desde 2019 o primeiro arquipélago do Mundo certificado como destino turístico sustentável, um facto marcante na afirmação internacional dos Açores (IPDT/SRTMI, 2023). O ano de 2023 foi o melhor ano de sempre em termos de procura turística do arquipélago, registando-se perto de 2,7 milhões de dormidas, superando o de 2022, numa célere recuperação pós-pandémica (Instituto Nacional de Estatística, 2024).

A ilha de São Miguel, e em específico a cidade de Ponta Delgada, surge destacada no contexto da tradição e construção de jardins nos Açores, por isso, justifica-se tomá-la como referência geográfica neste estudo. Aqui se localiza o principal conjunto de jardins históricos, que têm consolidado protagonismo como locais de visita, embora, quando comparado com outros destinos, se admita ter tímida expressão. Porém, assume uma relevância capaz de ir mobilizando recursos e estudos, bem como a concretização de ações e projetos, com vista à prossecução da sua valorização e divulgação.

Tendo este panorama como enquadramento, e partindo de uma reflexão teórica sobre a relação entre a trilogia jardins, espaço urbano e turismo, este trabalho propõe analisar a posição desses espaços verdes na identidade e no turismo micalense nas dimensões da oferta e da estratégia turística, em particular de Ponta Delgada. Os objetivos passam ainda por identificar fatores de atração, avaliar a dimensão da procura nos últimos anos referente a alguns casos particulares, assim como as dinâmicas e os constrangimentos de visitação, e apresentar recomendações globais numa abordagem prospetiva. A concretização destes objetivos teve como base a realização de trabalho de campo através de observação direta.

## 2. Jardins, espaço urbano e turismo

A interceção entre jardins, espaço urbano e turismo não é um campo de estudo novo, mas vem ganhando relevância nos últimos anos por várias razões, sendo central a que decorre da antiguidade desta mesma relação. Porém, é imperativo destacar-se o facto de os jardins terem conquistado o estatuto de património (ICOMOS, 1982), conceito que beneficiou de uma distensão tipológica capaz de o posicionar como uma das motivações centrais da procura turística atual de cidades (Henriques, 2003; Noonan, 2023). Adicionalmente, sobre os jardins tem recaído crescente atenção por parte dos visitantes que procuram originalidade em novos ambientes e experiências, e dos *stakeholders* do turismo urbano, que procuram desenvolver uma oferta diferenciadora, diversificada e enriquecedora.

As cidades, no decorrer da sua evolução histórica, foram acumulando história e traços que se encontram refletidos no seu amplo acervo patrimonial. Os parques e jardins, especialmente os de carácter histórico, enquanto presença indelével das diversas culturas, sociedades e civilizações, transcendendo o próprio conceito de espaço e tempo, constituem um desses patrimónios que o espaço urbano acolhe e que, na perspetiva de Andresen & Marques (2001), constituem a memória de uma cidade, bem como a história dos seus percursos e acontecimentos. Elementos estes de indissociável relevância na criação de identidade e legibilidade urbanas, na ótica de (Lynch, 2017).

As mudanças sociais, culturais, económicas e ambientais ocorridas ao longo do tempo nas cidades tiveram reflexo no tipo e evolução dos espaços verdes, passando por diversas fases e transformações, impulsionadas por diferentes necessidades e ideais urbanos, bem como pela mutação dos gostos e costumes da sociedade. As próprias funções destes espaços – desde utilitárias a recreativas ou religiosas – foram variando, de acordo com o local em que se inseriam, com a cultura de cada lugar e de cada povo (Benfield, 2013; Mendes, 1986; Silva, 2020a).

À Grécia atribui-se o surgimento do jardim como espaço livre de uso público e com a queda do Império Romano as grandes áreas verdes de propriedade nobre foram, de forma progressiva, colocadas ao dispor da comunidade urbana (Mendes, 1986). Porém, até ao início da industrialização, os espaços verdes em ambiente urbano eram, em grande parte, locais privados destinados ao convívio, passeio

e recreação das classes sociais privilegiadas, concebidos não apenas com um propósito social, mas também para destacar a beleza e valorizar as propriedades (Castel-Branco & Soares, 2007). Os jardins em torno de palácios, de residências nobres ou *villas*, e dos claustros monásticos/conventuais são disso exemplo. Simultaneamente, os jardins também eram concebidos como fontes de pesquisa e investigação científica, assistindo-se à proliferação de jardins botânicos (Nonem, 2007).

A Revolução Industrial vem alterar de forma significativa o conceito, a localização, a estrutura e as funções atribuídas aos espaços verdes (Mendes, 1986), que se tornaram públicos e acessíveis a todas as classes sociais. Esta transformação decorre do massivo e crescente êxodo rural com repercussões na densificação e expansão dos aglomerados, aliada quer à carência de áreas de repouso, quer à vontade de se recriar a natureza em meio urbano (Magalhães, 2001). Parques e jardins privados, até então propriedade das classes privilegiadas, foram progressivamente abertos à utilização pública e, em simultâneo, surgem novos e amplos espaços verdes nas cidades, como os parques, os passeios públicos, as avenidas arborizadas e as praças/pracetas, integrados em grandes intervenções urbanísticas. São exemplos o Birkenhead Park (1843), em Liverpool, ou o Central Park (1853), em Nova Iorque (Castel-Branco & Soares, 2007). Razões de ordem estética, social ou higienista presidiam ao seu aparecimento, às quais acresciam as razões recreativas (Castel-Branco & Soares, 2007; Magalhães, 2001; Mendes, 1986).

Nos séculos XX e XXI verifica-se uma diversificação e expansão significativa dos espaços verdes urbanos acompanhados, de igual modo, por uma diversificação e complexificação de usos, ajustados ao ritmo diferenciado de crescimento das cidades em termos físicos e humanos, refletindo preocupações com a sustentabilidade e a resiliência urbanas, nas suas várias dimensões. O papel que desempenham atualmente transcende o de reguladores do meio ambiente ou de promotores da estética urbana, assumindo-se como suportes físicos “... de uma parte significativa das relações sociais e das atividades de recreio e lazer...” (Mendes, 1986, p. 145).

Como resultado da evolução histórica, dos múltiplos contextos e das políticas urbanas, os espaços verdes apresentam diferentes tipologias e características. No entanto, independentemente das suas características, é consensual o valor determinante que possuem devido aos benefícios intrínsecos à multiplicidade de funções que lhe são inerentes, nomeadamente nas dimensões ecológica/ambiental, económica e social (European Environment Agency, 2011; Madureira et al., 2014; Silva, 2020a), com reflexos na promoção de territórios e comunidades coesas (European Environment Agency, 2011; Wan et al., 2021). Como tal, têm adquirido crescente destaque no âmbito das políticas urbanas atuais.

Em paralelo, é amplamente admitido e comprovado que jardins, parques e outras áreas naturais contribuem para a atratividade turística das cidades (Benfield, 2013, 2021; Chaudhry & Tewari, 2010; Silva, 2020a; Urry, 2002). Tomando como estudo de caso Chandigarh (Índia), Chaudhry & Tewari (2010) concluíram mesmo que os parques e jardins urbanos são responsáveis pela sua atratividade turística, e que esta seria nula caso aqueles não existissem. De acordo com Urry (2002), os turistas são atraídos por experiências autênticas e estímulos sensoriais, destacando como os jardins urbanos podem oferecer essas experiências num ambiente controlado e acessível. Neste sentido, o produto “turismo de jardins” (*garden tourism/garden visiting*) assume atualmente proporções de elevada importância e experiencia um crescimento notável, ao ponto de ser considerado como “...the most popular form of contemporary outdoor leisure activity...”, bem como “...one of the most dynamic and growing areas of tourism” (Benfield, 2021, pp. vii–viii).

Os jardins que integram o tecido urbano não são, e não devem ser, percecionados numa atitude de displicência apenas como meros espaços que adicionam beleza e equilíbrio estético à paisagem urbana, ou que proporcionam refúgio à agitação citadina, através da passagem ou da estada, mais ou menos prolongadas. Constituem, de igual modo, microcosmos da história e da cultura, refletindo a identidade de uma cidade, e assumindo-se, por isso, como elementos cruciais na construção de cidades mais habitáveis, inclusivas e atrativas, tanto para residentes como para visitantes.

### 3. Os jardins na identidade e no turismo da ilha de São Miguel

#### 3.1. Contexto histórico

No contexto da tradição e construção de jardins, a ilha de São Miguel destaca-se em relação ao restante arquipélago. Foi aqui que “o gosto pela criação de jardins atingiu níveis sem precedentes junto de certas camadas sociais mais favorecidas, ativamente empenhadas em novas encomendas, contratos de jardineiros estrangeiros, remessas de plantas e, nalguns casos, colaboração ativa em jardins nacionais” (Albergaria, 1996, p. 2). De acordo com a autora, este protagonismo resultava de dois fatores complementares – o sucesso da designada “economia da laranja” e, na sequência desta, a forte presença da comunidade inglesa na ilha –, embora admita a intervenção de outros fenómenos conjunturais de cariz político-cultural.

A construção de jardins na ilha de São Miguel revelou-se incipiente até ao último quartel do século XVIII. Até então, aqueles estavam quase exclusivamente reduzidos a pequenas “salas de verdura” entre quatro paredes, situados atrás ou na lateral do edifício principal, e eram destinados ao cultivo de hortaliças, flores, plantas aromáticas e medicinais. Por esta altura, o perímetro urbano e a periferia de Ponta Delgada atraíam as camadas mais favorecidas da sociedade, os morgados e os comerciantes, que se instalavam em novos solares e antigas quintas remodeladas, no seio dos quais surgiram os primeiros jardins, os *jardins d'agrément* à francesa ou à italiana. No âmbito do espólio existente estabelece-se a diferença entre quintas, preferencialmente votadas à cultura da laranjeira, e os jardins enquanto novas construções que ostentavam os “luxos da civilização europeia” e que detinham em exclusivo uma função de recreio, sendo atribuído aos ingleses o mérito pela introdução do *ornamental gardening* (Albergaria, 1996).

Os mais antigos sinais da prática do turismo nos Açores remontam ao século XIX. A literatura de viagens constitui uma fonte privilegiada de relatos de viajantes que, já à época, enalteciam a beleza do território insular e, entre outros atributos, a diversidade da vegetação e a riqueza das paisagens naturais iam surgindo amiúde ao longo destas narrativas (Silva, 2020b). A partir da segunda metade deste século, “os jardins de Ponta Delgada entram no rol das belezas turísticas da ilha de S. Miguel de tal forma, que não se encontra um único relato de viagem que os ignore” (Albergaria, 1996, p. 124). Assim, apesar de não serem o motivo principal da visita aos Açores, os jardins, enquanto espaços de colecionismo botânico e de lazer, mereceram desde sempre particular atenção por parte de naturalistas e viajantes (Albergaria, 2017). Em 1893, Gabriel d'Almeida publicara a *Agenda do Viajante na Ilha de S. Miguel* onde destacava os jardins como parte da oferta turística da ilha e, em especial, da cidade de Ponta Delgada (Silva, 2020b), considerados “como os melhores da Europa e superiores aos do Continente do Reino” (Albergaria, 1996, p. 125). De igual modo, o escritor Raul Brandão, em 1924, ao visitar a ilha de S. Miguel, enaltecera numa prosa de contornos poéticos os jardins da cidade, nomeadamente o de Jácome Correia (atual Jardim do Palácio Sant’Ana), o de António Borges e o de José do Canto. Aliás, sobre esta trilogia de espaços, então localizada entre a cidade e a montanha, era frequentemente referido que não deveria deixar de ser vista numa visita à cidade e/ou ilha (Brandão, 2011).

De acordo com Albergaria (2017), os jardins dos Açores, em particular os jardins e parques privados da ilha de São Miguel, despertaram, durante o século XIX e parte do século XX, grande interesse entre viajantes cultos, aventureiros e naturalistas que procuravam estas ilhas por diversos motivos, passando a integrar os guias e roteiros turísticos da ilha.

Não obstante alguns dos mais notáveis jardins oitocentistas terem desaparecido ou aguardem por recuperação, nos Açores existe ainda um conjunto de jardins históricos que se distingue pela elevada fitodiversidade (Quintal, 2019), por um singular enquadramento paisagístico e pelas peculiares qualidades sensoriais (Porteiro & Albergaria, 2016). Grande parte deles encontra-se na ilha de São Miguel, em particular na cidade de Ponta Delgada.

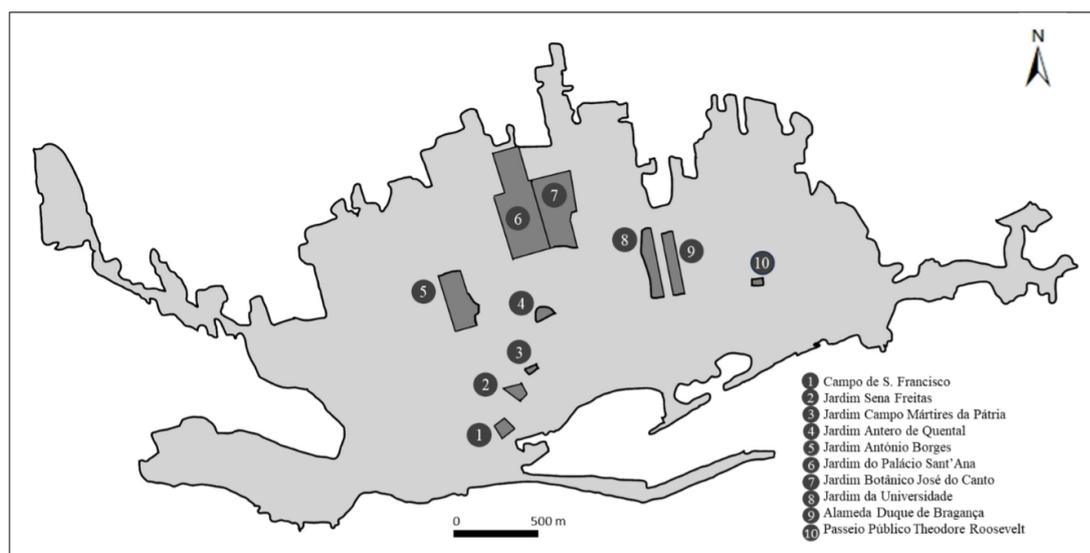
#### 3.2. O património de jardins na cidade de Ponta Delgada

No alvor do século XXI, Albergaria (2005) faz um levantamento deste património, cobrindo todo o território açoriano, com o objetivo de criar um Roteiro dos Parques e Jardins dos Açores. Dos 66

espaços identificados, mais de metade localiza-se na ilha de São Miguel, verificando-se superior concentração (uma dezena) na cidade de Ponta Delgada. Nos demais inventários existentes e consultados constata-se que são em quantidade menor os jardins inventariados, reduzindo-se na maior parte dos casos aos jardins mais (re)conhecidos.

A quase totalidade dos jardins corresponde a espaços verdes urbanos públicos, com exceção do Jardim Botânico José do Canto e do Jardim de Sant'Ana, nos quais a entrada é feita mediante pagamento. O Jardim Botânico José do Canto, o Jardim de Sant'Ana e o Jardim António Borges constituem o que Albergaria (1996) denominou de “trilogia dos jardins de Ponta Delgada”, podendo ser considerados os jardins-âncora da cidade, pela antiguidade e importância na sua história, bem como pela dimensão da procura, justificando-se, por isso, uma atenção e caracterização mais detalhadas.

Estes três espaços, datados de meados do século XIX, e outrora jardins privados, desenvolvem-se em faixas no sentido perpendicular à costa e localizam-se um pouco à margem do coração do centro histórico da cidade (Figura 1).



**Figura 1.** Jardins da cidade de Ponta Delgada.  
Fonte: Autores (2024).

O Jardim Botânico José do Canto, com cerca de 6 ha, de estrutura simples, apresenta várias coleções botânicas, mormente de espécies exóticas (Albergaria, 2005; Quintal, 2018). De entre os elementos mais significativos destacam-se a Capela de Sant'Ana, um pequeno tanque ornamental, uma clareira (antigo roseiral), o bambuzal, o palacete de estilo neoclássico transformado numa unidade hoteleira e o pavilhão (antiga estufa) adaptado para eventos. Foi o primeiro jardim histórico classificado nos Açores (Imóvel de Interesse Público pelo Governo Regional, estando inscrito também no *Botanic Gardens Conservation Secretariat – UNESCO*) (Jardim Botânico José do Canto, 2024a).

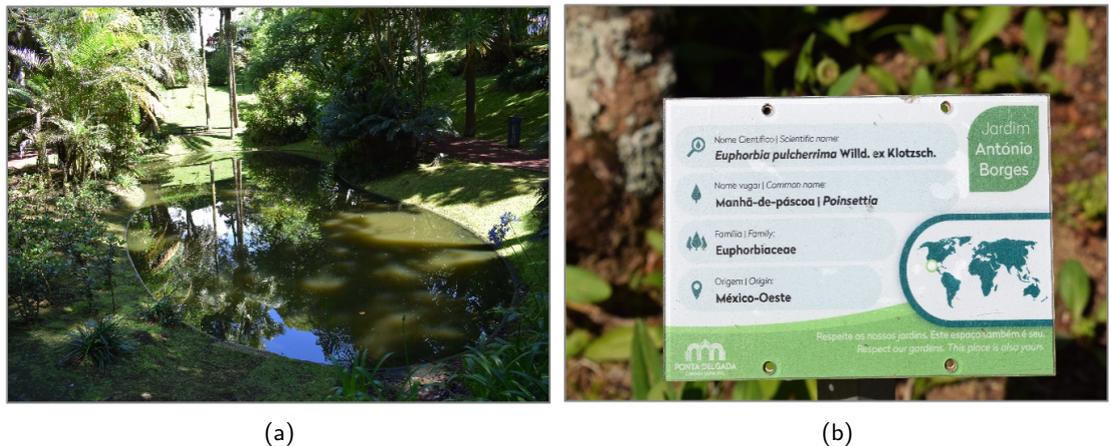
O Jardim do Palácio Sant'Ana, antigo Jardim José Jácome, confina com o anterior e desenvolve-se numa maior extensão, cerca de 8 ha, ultrapassando as normas do pitoresco e o formalismo natural dos jardins ingleses (Albergaria, 2005). Este espaço é caracterizado pela elegância aristocrática, preservando o espírito vitoriano da sua conceção, e envolve o palacete neoclássico, atual residência oficial do Presidente do Governo dos Açores. Identificam-se quatro áreas distintas: o *parterre* frontal e os jardins laterais, a horta, o jardim intimista e a quinta de quartéis. Integra ainda uma estufa, cavalariças e um lago (Porteiro & Albergaria, 2016). O jardim encontra-se classificado como Monumento Regional (Assembleia Legislativa Regional, 2004).



**Figura 2.** (a) Jardim Botânico José do Canto – entrada e (b) Jardim do Palácio Sant'Ana – lago e *parterre* frontal.

Fonte: Autores (2023).

O Jardim António Borges constitui um exemplo paradigmático do paisagismo oitocentista e do entusiasmo pelo colecionismo botânico da época, influenciado pela escola paisagista inglesa (Figura 3). Trata-se de uma área de recreio e lazer, de acesso público e gratuito desde final da década de 50 do século passado. Numa estreita faixa de aproximadamente 3 ha, são características distintas do espaço os diversos acidentes do percurso, a assimetria e a tortuosidade do traçado, bem como as grutas e os túneis (SIARAM, 2014), acolhendo, de igual modo, grande diversidade botânica (Quintal, 2021). O jardim integra ainda uma unidade de cafeteria e equipamento de recreio infantil.



**Figura 3.** (a) Jardim António Borges – área do lago e (b) placa de identificação botânica.

Fonte: Autores (2023).

Constitui traço comum a estes três jardins a existência de um notável património arbóreo (Quintal, 2019, 2018, 2021), distinto pelo seu porte monumental ou morfologia singulares, destacando-se, por exemplo, as figueiras estranguladoras (*ficus macropphylla*) e os metrosíderos (*metrosiderus excelsa*) (Figuras 4a e 4b).



**Figura 4.** (a) Figueira estranguladora no Jardim Botânico José do Canto e (b) metrosídero no Jardim do Palácio Sant'Ana.

Fonte: Autores (2023).

Nos últimos anos, o Jardim Botânico e o Jardim António Borges têm sido alvo de ações de melhoria, de recuperação e revitalização com o intuito de preservar as coleções botânicas existentes, de as diversificar através da introdução de novas espécies, e preservar o espaço físico e os seus elementos integrantes. Além disso, tem-se procurado qualificar a experiência da visita, mormente ao nível da informação disponível aos visitantes, concretizada através da aplicação de placas de identificação botânica (Figura 5) (SIARAM, 2014).

Estes três jardins históricos constituem “documentos” de grande relevância na construção da história e identidade, tanto da cidade como da própria ilha de São Miguel. Porém, ao contrário do que acontece na ilha da Madeira, onde a dimensão da procura nos principais jardins é notoriamente marcada pela *garden experience* proporcionada (atrativos, estrutura de acolhimento, informação e formas de interpretação), bem como pela respetiva localização e acessibilidade (Silva et al., 2023), no caso destes jardins, essa relação parece não se verificar de forma tão linear.

### 3.3. A visita aos jardins – características, dimensão e evolução

No conjunto dos jardins de Ponta Delgada que estão acessíveis à visita, a quase totalidade apresenta entrada livre, pelo que a amplitude da procura se torna praticamente impossível de delimitar. Considerando que a ilha e o município acolheram nos últimos dois anos (2022 e 2023) respetivamente uma média anual de cerca de 535 mil e de 400 mil hóspedes (Instituto Nacional de Estatística, 2024), para além de um movimento de passageiros de navios de cruzeiro que em 2022 foi superior a 125 mil (Portos dos Açores, 2024), e admitindo que parte destes possam visitar estes espaços, aos quais se acrescentarão os visitantes locais, inferir-se-á poderem ser alguns milhares os visitantes que passam pelos jardins da cidade. Ou por parte deles, pois é preciso notar que, ao contrário do que acontece nos jardins da ilha da Madeira (Silva et al., 2023), nem todos dispõem de atributos e argumentos capazes de despertar tão elevada visitação, facto comprovado pela observação *in situ*.

Locais como o Campo de São Francisco, o Largo Mártires da Pátria, o Jardim de Sena Freitas ou o Jardim Antero de Quental, todos de reduzida dimensão, inserem-se no tecido urbano de forma fluída e sem qualquer barreira física (substancial) impeditiva de acesso. Por serem de entrada livre atraem sobretudo residentes locais, jovens e idosos, dependendo do período do dia e dos equipamentos presentes no espaço e adjacentes, em períodos de lazer ou descanso, e transeuntes, mais do que propriamente turistas. No Jardim de Sena Freitas registou-se uma frequência superior de famílias com crianças, decerto atraídas não só pelo espetáculo visual sazonal proporcionado pelas espécies em flor ali plantadas, como pela permanência de artefactos alusivos à época da Páscoa, bastante atrativos para os mais jovens. Não obstante a entrada ser, de igual modo, livre no Jardim da Universidade dos Açores e na Alameda Duque de Bragança, nestes locais persiste uma fronteira assumida pelos muros que os circundam que poderão contribuir de forma involuntária para que passem despercebidos e sus-

citam um certo “afastamento” dos turistas, recebendo maioritariamente os frequentadores habituais, os estudantes, nas também recorrentes socializações entre pares associadas à vivência académica (Figura 5). No caso do passeio público Theodore Roosevelt, a sua localização mais periférica em relação ao centro histórico, bem como o facto de se encontrar encerrado aos domingos, informação à qual apenas se acede no local, contribuirão para que esteja praticamente ausente dos roteiros dos visitantes de cariz mais turístico.



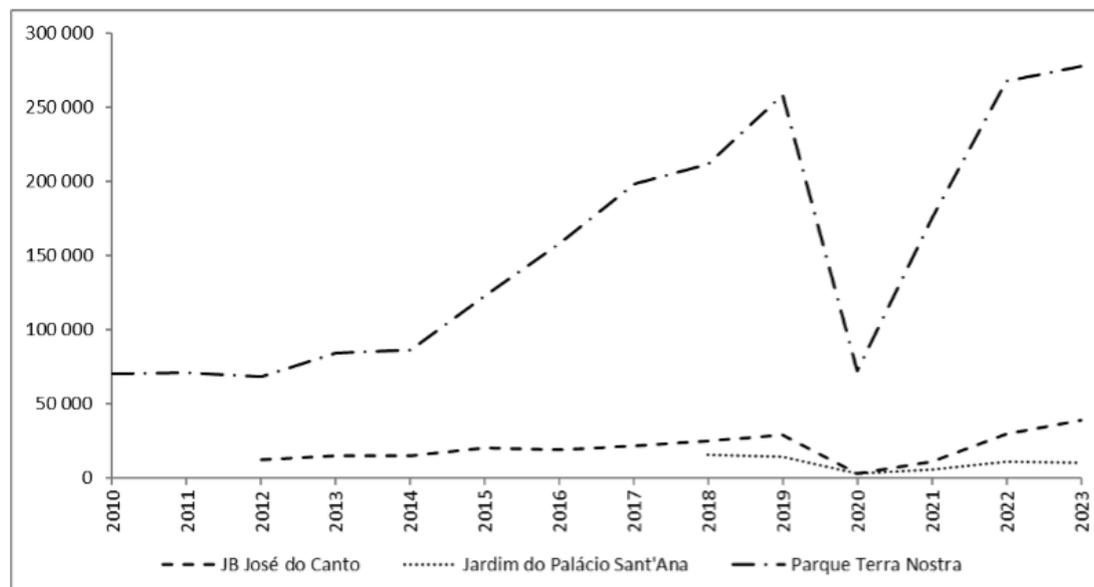
Figura 5. Jardim Antero de Quental, Jardim de Sena Freitas e Jardim da Universidade (da esquerda para a direita).

Fonte: Autores (2023).

A parca expressão dos turistas nestes espaços decorre em grande parte das suas próprias características, nomeadamente o facto de não reunirem atributos de relevância capazes de despertar a curiosidade, motivar a deslocação e a visita turística intencional e alargada no tempo, que se percebe que assume um notório carácter ocasional, no decorrer de percursos entre outras atrações, e pouco demorada. Apesar da monumentalidade das espécies arbóreas que povoam estes jardins, verifica-se um escasso investimento em espécies floridas e diferenciadas, bem como na sua identificação, ao contrário do que acontece, por exemplo, em grande parte dos jardins da Madeira. Deste conjunto, apenas no Jardim da Universidade é visível a identificação das espécies. Informação de particular relevância para os aficionados da botânica, mas também para os interessados mais generalistas.

A trilogia Jardim Botânico José do Canto, Jardim do Palácio de Sant’Ana e Jardim António Borges é a principal da cidade em termos de área e notoriedade, figurando quase sempre como os grandes jardins da ilha na pretérita literatura e nos guias de viagens, e nas atuais narrativas turísticas promocionais, digitais ou analógicas. Portanto, será natural que também o sejam em termos de visitação, embora visivelmente diferenciada entre si, sendo que apenas nos dois primeiros é cobrada entrada. Todavia, a dinâmica de procura destes espaços está distante da que se verifica, por exemplo, no Parque Terra Nostra (Figura 6), localizado na localidade das Furnas, a cerca de 42 km a leste de Ponta Delgada, prestes a alcançar os 300 mil visitantes anuais. Para esta dimensão contribuirá a sua localização privilegiada em termos paisagísticos, a presença de outros ativos turísticos de grande relevância, a sua extensa área (quase 13 ha), a associação a uma unidade de alojamento turístico e a presença de um grande tanque de água quente termal, aberto ao usufruto dos visitantes. Acresce a notoriedade alcançada devido ao facto de acolher uma das maiores coleções do mundo de camélias, para além de uma variedade botânica composta por espécies vegetais raras e únicas (Grupo Bensaude, 2024a), e de ter sido distinguido como um dos jardins mais notáveis do mundo no livro *The Gardener’s Garden*.

No ano anterior ao surgimento da pandemia, os dois jardins pagos recebiam em conjunto quase 43 mil visitantes. Em 2023, com a normalização da situação, acolheu pouco mais de 49 mil, traduzindo-se num aumento de cerca de 15%. Porém, estabelecendo um paralelo com o total de hóspedes registados em São Miguel e Ponta Delgada neste último ano, respetivamente 565 mil e 435 mil (Instituto Nacional de Estatística, 2024), aquele quantitativo de visitantes corresponde a apenas uma ínfima parte destes (9% e 11%). O cenário será revelador de um desconhecimento que grassa entre os visitantes deste destino turístico com relação aos jardins, por nítida falta de investimento na sua valorização, divulgação e sinalização, responsabilidade tanto do plano institucional como do particular. Tal informação não é transmitida ou é disponibilizada de forma incipiente, ocupando um nível para lá de secundário em termos de importância, o que vai justificando a crónica “não visita”.



**Figura 6.** Evolução do número de visitantes no Jardim Botânico José do Canto, no Jardim do Palácio Sant'Ana e no Parque Terra Nostra.

Fonte: Grupo Bensaude (2024b), Jardim Botânico José do Canto (2024b) e SREAC – Secretaria Regional da Educação e Assuntos Culturais (2024).

O Jardim Botânico é o jardim pago mais visitado da cidade de Ponta Delgada. Os dados disponibilizados revelam uma trajetória ascendente na procura deste espaço, apenas interrompida pela crise pandémica, e que, em pouco mais de uma década, triplicou o número de visitantes, passando de cerca de 13 mil em 2012 para pouco mais de 39 mil em 2023, o máximo de visitantes registado. Este revelou um crescimento mais proeminente nos últimos dois anos, ultrapassando a barreira dos 30 mil apenas em 2023 (Jardim Botânico José do Canto, 2024b). O Jardim do Palácio Sant'Ana abriu ao público em 2010 e regista uma visitaçã mais reduzida, com valores a oscilar entre os 15 mil (2018) e os 3 mil visitantes (2020). Tendo em conta o conjunto de dados disponíveis, verifica-se que a procura deste jardim está em decréscimo, registando menos 15% de visitantes entre 2018 e 2023 (Figura 6). Em ambos os casos, pouco mais de 80% dos visitantes são estrangeiros, uma tendência verificada no período pré-e pós-COVID-19, sendo que no ano crítico da pandemia (2020) o público nacional dominou em parte dos meses.

Em 2023, a Alemanha correspondeu ao principal mercado de origem da procura estrangeira (24%), seguido de França e dos Estados Unidos da América no caso do Jardim Botânico, posições que se invertem no Jardim do Palácio Sant'Ana (Jardim Botânico José do Canto, 2024b; SREAC – Secretaria Regional da Educação e Assuntos Culturais, 2024). O facto de serem dois jardins adjacentes, naturalmente, justificará esta semelhança na origem da procura, mas não na dimensão da mesma. Não obstante a presença de uma barreira física mural nos dois espaços, o botânico é perfeitamente identificável do exterior como jardim a visitar através da sinalética e dos painéis informativos, o que não acontece no Jardim de Sant'Ana, cuja possibilidade de visita se apresenta praticamente oculta aos visitantes (Figuras 7a e 7b), já que a informação se encontra disponível apenas no interior do mesmo. Apesar de este ser mais acessível em termos do preço do bilhete, está encerrado um dia por semana e apresenta outras limitações temporais e espaciais à visita, uma vez que se trata da residência da Presidência do Governo da Região Autónoma dos Açores.



**Figura 7.** (a) Entrada no Jardim Botânico José do Canto e (b) no Jardim do Palácio Sant'Ana.  
Fonte: Autores (2023).

Quanto ao Jardim António Borges, o facto de a entrada ser livre constitui um fator de superior atratividade face aos anteriores, verificando-se uma procura mais elevada e heterogénea, tanto de turistas como de residentes locais. Observou-se que o mesmo não acontece, nem com semelhante expressão, por exemplo, no Jardim de Sant'Ana ou mesmo no jardim botânico. Para além da acessibilidade, a localização de equipamentos (cafetaria e parque infantil), a manutenção cuidada e a identificação da maior parte das espécies justificarão essa maior atratividade. Porém, neste jardim é perceptível a coabitação de uma procura e uso ajustados ao espaço com um uso e um tipo de socialização mais “subterrânea” e um pouco dissimulada. Isso pode, em última instância, desencorajar a repetição da visita, especialmente por parte dos turistas, contribuindo para uma perceção negativa e, eventualmente, para uma comunicação desfavorável do espaço. Os três jardins beneficiam da proximidade entre eles e com o centro histórico, sendo possível o seu acesso de forma pedonal a partir daqui.

#### 4. Turismo de jardins nos Açores – entre a realidade e a utopia, que futuro?

O interesse científico e educacional, bem como o potencial económico dos jardins dos Açores é há muito reconhecido e trabalhado (Porteiro & Albergaria, 2016). Todavia, persiste ainda hoje uma carência de estudos mais específicos e de dados estatísticos que possibilitem avaliar o verdadeiro contributo dos jardins históricos para a atividade turística nesta região.

Para além de um conjunto de iniciativas que foram tomando lugar, de forma mais evidente sobretudo a partir da década de noventa, nos domínios da classificação, da inventariação, da distinção, da reabilitação ou da publicação de estudos (Albergaria, 2017; Porteiro & Albergaria, 2016), numa dinâmica mais recente destaca-se o projeto *Green Gardens Azores* (2014-2020), financiado por fundos estruturais. Este objetivava a consolidação científica e tecnológica do produto *Garden Tourism* nos Açores, considerando os jardins históricos enquanto produto turístico específico de grande potencial e qualidade, capaz de contribuir para a valorização e diferenciação do destino. Ancorado nas dimensões i) investigar, conhecer e divulgar; ii) proteger, conservar e valorizar, e iii) melhorar, enriquecer e avaliar, em termos específicos, este projeto visava a promoção da visita e a interação dos visitantes com o jardim através da produção de conteúdos de visita, da conceção e implementação de estratégias de comunicação e divulgação, designadamente através da criação de uma aplicação móvel, bem como de estratégias de marketing ajustadas aos vários perfis de visitantes, e da transferência de conhecimentos entre *stakeholders* dos diversos quadrantes, que sustentasse decisões estratégicas no âmbito da conservação, dinamização e promoção dos jardins históricos (Observatório do Turismo do Açores, 2024). Um dos grandes méritos deste projeto foi ter colocado no epicentro da discussão os jardins históricos dos Açores, conferindo-lhes protagonismo distendido no tempo e no espaço, e acrescentando-lhes valor, através das diversas atividades e iniciativas promovidas, desde o nível local ao internacional.

Não obstante os esforços de algumas ações meritórias e essenciais no reforço da importância e visibilidade dos jardins micaelenses, percebe-se que não têm sido suficientes, pois verifica-se que os jardins continuam, tal como Albergaria (2017) outrora referiu, praticamente eclipsados da estratégia turística da ilha, embora seja de relevar alguma evolução observada neste campo.

No Plano Estratégico e de Marketing do Turismo dos Açores 2015-2020, que define o turismo de natureza como o produto prioritário e inclui o *touring* cultural e paisagístico entre os produtos complementares, no âmbito do qual é integrada a categoria geral de património, os jardins não são mencionados em nenhum momento neste documento (IPDT/GA, 2015). Já no atual Plano Estratégico para o horizonte temporal de 2030, os pressupostos diferenciadores continuam a assentar sobretudo, e justificadamente, na natureza e nos seus valores. A natureza e a cultura são consideradas dois dos ativos identitários da experiência do visitante e, no quadro dos produtos estratégicos para o arquipélago, foi definida a Natureza como produto prioritário e a Cultura como produto complementar, constando os jardins históricos como um dos vários ativos neste último. No âmbito da estratégia por ilha, em São Miguel os jardins históricos (Terra Nostra, José do Canto, António Borges, Sant'Ana...) surgem como elementos diferenciadores a constituir a mensagem da ilha correspondente ao produto Cultura (IPDT/SRTMI, 2023).

Nos websites de promoção turística do arquipélago (Visit Azores) e da cidade (Visit Ponta Delgada) os “jardins e parques” ou os “jardins, praças e largos”, respetivamente, integram listas dos locais a visitar, embora de uma forma redutora e pouco apelativa, uma vez que a informação disponível se resume à fotografia (apenas presente em alguns) e à informação histórica condensada e meramente indicativa. No caso do segundo, acresce a informação sobre a localização geográfica, carecendo os espaços verdes de uma representação e promoção eficazes. Em outros materiais promocionais, mormente nas brochuras individuais da ilha, os jardins são completamente ignorados, evidenciando uma persistente ausência na apresentação e comunicação dos jardins.

Quase uma década passada sobre o contributo da análise do cenário (SWOT) de Albergaria (2017) sobre o produto “jardins históricos” nos Açores, a maioria das observações apresentadas pela autora permanece atual, para o caso de São Miguel, e em particular para Ponta Delgada, aos quais se adicionam novos contributos fruto da evolução do cenário e da observação *in situ* (Quadro 1).

Quadro 1. Avaliação SWOT do turismo de jardins nos Açores (São Miguel-Ponta Delgada)

| Pontos Fortes  | Pontos Fracos  |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Património de jardins interessante</li> <li>▪ Acesso livre na maior parte dos jardins</li> <li>▪ Considerável fitodiversidade e notáveis exemplares arbóreos, alguns dos quais integram a Rede de Árvores Singulares da Macaronésia</li> <li>▪ Património histórico/cultural associado aos jardins</li> <li>▪ Enquadramento paisagístico de excelência e premiado</li> <li>▪ Condições climáticas favoráveis à visita todo o ano</li> <li>▪ Distinção de alguns jardins com o Selo de Qualidade Jardim Histórico</li> </ul>   | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Localização geográfica periférica da ilha</li> <li>▪ Fraca notoriedade do destino com relação à marca “jardins”</li> <li>▪ Posição residual que os jardins ocupam na oferta e estratégia turística global da ilha e da cidade</li> <li>▪ Fraca manutenção e degradação dos espaços</li> <li>▪ Falta/débil promoção institucional e individual</li> <li>▪ Ausência ou redutoras formas de interpretação dos jardins</li> <li>▪ Débil ou ausente programação de atividades</li> <li>▪ Fraca relação com os restantes jardins da ilha e do arquipélago</li> <li>▪ Inexistência de políticas efetivas de conservação e valorização dos jardins</li> </ul> |
| Oportunidades  | Ameaças  |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Reconhecimento dos Açores como destino turístico de qualidade ambiental, sustentável e seguro</li> <li>▪ Aumento da notoriedade como destino e da procura</li> <li>▪ Valorização crescente da natureza e aumento da procura por estes destinos aliados à sustentabilidade</li> <li>▪ Existência de jardins noutras ilhas do arquipélago</li> <li>▪ Inserção da ilha na região biogeográfica da Macaronésia, que possui um valioso e diversificado património de jardins</li> <li>▪ Aumento da procura global por jardins e experiências de jardins</li> <li>▪ Presença de mercados da procura associados ao gosto por jardins</li> <li>▪ Grande margem de progressão do produto “jardins”</li> <li>▪ Fontes de financiamento disponíveis</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Concorrência de outros destinos de jardins, como a Madeira, que oferecem um produto e uma “<i>garden experience</i>” mais diversificados e qualificados</li> <li>▪ Perda irremediável de património por via da degradação</li> <li>▪ Condições climáticas e ocorrência frequente de fenómenos meteorológicos extremos</li> <li>▪ Sazonalidade vincada da procura turística</li> </ul>   |

Fonte: Trabalho de campo com contributos de Albergaria (2017).

## 5. Notas finais

O arquipélago dos Açores tem-se posicionado como destino turístico no âmbito de produtos associados às particularidades da paisagem que decorrem da sua configuração e localização geográficas. A ilha de São Miguel, e em particular o espaço urbano de Ponta Delgada, destacam-se no contexto da procura. A cidade acolhe o conjunto mais significativo de jardins da ilha, pedaços da trajetória e história da sua edificação e, portanto, elementos identificativos e integrantes da memória deste território que detêm um papel principal, embora silencioso, na transmissão dessa narrativa.

O potencial dos jardins aqui localizados para a criação de um nicho turístico integrado no produto cultural é conhecido e reconhecido. Ao longo do tempo foram dados contributos essenciais para esse reconhecimento. Desde o levantamento e conhecimento do espólio patrimonial e botânico à implementação do projeto *Green Gardens Azores*, os jardins têm sido colocados amiúde no epicentro das discussões sobre o desenvolvimento e diversificação turística da ilha. Porém, constata-se que os jardins continuam praticamente ausentes da estratégia/oferta turística da ilha e da cidade, parecendo dissiparem-se no vasto conjunto de elementos patrimoniais oferecidos e promovidos, não obstante o aumento da procura que se verifica nestes espaços. Num momento em que os territórios procuram ancorar a sua atratividade nos diversos ativos patrimoniais e em narrativas revivalistas fundamentadas nos aspetos identitários das culturas locais, ignorar ou descartar os jardins dessa narrativa é negar a história e a cultura desse mesmo território.

Neste âmbito destacam-se algumas dimensões estruturais que continuam a precisar de ser trabalhadas no sentido de se qualificar e diversificar a *garden experience* neste destino. A primeira centra-se no espaço físico, em duas vertentes. Assim, apesar da riqueza florística presente, e inventariada, na maior parte dos locais, julga-se essencial requalificar e/ou enriquecer as coleções, da mesma forma que é imperativo elevar a qualidade da manutenção dos espaços, uma vez que a que existe atualmente em alguns dos jardins não é condizente com a riqueza do património, podendo até contribuir para o enraizamento de uma certa imagem negativa, ou mesmo repulsiva, beneficiando indiretamente outros destinos de jardins, cuja *garden experience* se apresenta mais qualificada, desenvolvida e divulgada. As diversas fontes de financiamento existentes, embora de cariz mais geral, constituem uma oportunidade para agir, em particular sobre as dimensões mencionadas, pelo que o proprietários e/ou gestores devem adotar uma atitude diligente e pró-ativa em relação às mesmas.

No domínio da visitação valerá a pena desenvolver e implantar um conjunto de equipamentos de apoio à permanência dos visitantes, bem como de elementos e dispositivos de interpretação, capazes de acrescentar valor à experiência, seja em contexto de auto-orientação ou de visita guiada. Nesta linha, o valioso espólio de documentação histórica sobre os jardins e a sua flora (Albergaria, 2017) proporciona uma base rica para a aposta no *storytelling*, podendo configurar uma estratégia eficaz na comunicação e promoção desses espaços, ao conectar passado e presente de forma envolvente, enriquecedora e memorável.

A integração do arquipélago na Macaronésia oferece várias vantagens significativas para o desenvolvimento e valorização do património de jardins. A elaboração de uma proposta de rota e/ou itinerário que não se limite apenas aos jardins da Macaronésia portuguesa, como defende Albergaria (2017), mas que se estenda a toda a região, em particular à Macaronésia europeia, representa uma excelente oportunidade para troca de experiências e de colaboração entre as diversas ilhas. Além disso, contribuiria para fortalecer a visibilidade e a promoção dos jardins como parte essencial do património cultural e natural, com repercussões positivas no desenvolvimento turístico, bem como na preservação ambiental, da identidade e da cultura locais. Releva ainda notar que a integração de algumas árvores urbanas na Rede de Árvores Singulares da Macaronésia (Instituto das Florestas e da Conservação da Natureza IP-RAM, 2024) oferece já a possibilidade para valorizar e promover os jardins da cidade, destacando a sua importância ecológica e cultural, sendo crucial a criação de uma estratégia de envolvimento comunitário e de turismo sustentável.

Intervenções nos domínios da informação, programação de atividades diversificadas e adaptadas aos vários públicos/mercados, bem como da promoção através dos diferentes canais e organismos, revestem-se de um carácter urgente e decisivo para aumentar a atratividade dos jardins, atenuando as assimetrias existentes entre os mais e os menos visitados. E que sejam, de igual modo, capazes de redirecionar os fluxos de visitantes da ilha, que notoriamente lhes têm escapado, em particular daqueles espaços que apresentam capital atrativo superior e diferenciado, assim como distinções nacionais e internacionais da sua qualidade e excelência. Por exemplo, sabendo-se que os visitantes provenientes dos cruzeiros se detêm mais na cidade de Ponta Delgada, este público deve ser tido em consideração nas ações de marketing e comunicação. Tal como o facto de os jardins (e os espaços verdes em geral) assumirem um papel cada vez mais determinante nos espaços urbanos em função do aumento da temperatura global, posicionando-se como espaços acolhedores nas horas de maior calor (Kumar

et al., 2024; Park et al., 2017; Wong et al., 2021). Deste modo, a narrativa promocional, para além de enaltecer o capital cultural, natural, memorialístico e histórico de que os jardins dispõem, deve destacar o maior conforto térmico providenciado por estes lugares, quando o *sightseeing* urbano no espaço exterior fica comprometido devido às altas temperaturas. Enquanto oásis de frescura, assumem elevada relevância em contextos urbanos, mesmo nos insulares.

Entende-se, de igual modo que, num futuro próximo, será fundamental que atores dos diversos quadrantes, públicos e privados, assumam de forma efetiva os jardins como uma aposta e como elementos determinantes para a sustentabilidade e resiliência das cidades como destinos turísticos dinâmicos, competitivos e memoráveis.

## Bibliografia

- Albergaria, I. (2005). *Parques e Jardins dos Açores*. Argumentum.
- Albergaria, I. (1996). *Quintas e Jardins da Ilha de S. Miguel 1785-1885* [Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea]. Universidade Nova de Lisboa.
- Albergaria, I. (2017). Turismo de jardins na Madeira e nos Açores: da dimensão histórica à situação atual. Em A. Vieira & D. Chaves (Ed.), *Açores e Madeira: Percursos de memória e identidade* (pp. 187–207). CHAM, FCSH/NOVA-UAc.
- Andresen, T., & Marques, T. (2001). *Jardins Históricos do Porto*. Edições Inapa.
- Assembleia Legislativa Regional. (2004). Decreto Legislativo Regional n.º 29/2004/A, DR, 1.ª série-A, n.º 199 de 24 agosto 2004 [ALR - Assembleia Legislativa Regional].
- Benfield, R. (2013). *Garden Tourism*. CABI.
- Benfield, R. (2021). *New Directions in Garden Tourism*. CABI.
- Brandão, R. (2011). *As Ilhas Desconhecidas*. Quetzal Editores.
- Brito-Henriques, E. (2003). A Cidade, Destino de Turismo. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia, I série, vol. XIX*, 163–172.
- Câmara, G. (2018). *As companhias aéreas de baixo custo e o turismo nos Açores: perfis dos visitantes e a estrutura dos gastos* [Tese de Doutoramento em Ciências Económicas e Empresariais]. Universidade dos Açores.
- Castel-Branco, C., & Soares, A. L. (2007). As árvores da cidade de Lisboa. Em J. S. S. (coord.) (Ed.), *Floresta e Sociedade Uma História Comum*. Público, Fundação Luso-Americana.
- Chaudhry, P., & Tewari, V. (2010). Role of public parks/gardens in attracting domestic tourists: an example from city beautiful of India. *Tourismos*, 5(1), 101–109.
- European Environment Agency. (2011). *Green infrastructure and territorial cohesion: the concept of green infrastructure and its integration into policies using monitoring systems* (rel. técn.). Publications Office. <https://data.europa.eu/doi/10.2800/88266>
- Grupo Bensaude. (2024a). Parque Terra Nostra. <https://www.parqueterranostra.com/pt/>
- Grupo Bensaude. (2024b). Visitantes do Parque Terra Nostra de 2010 a 2023 [Realizado pedido específico].
- Henriques, C. (2003). *Turismo, Cidade e Cultura – Planeamento e Gestão Sustentável*. Edições Sílabo.
- Hunt, M., & Crompton, J. (2008). Investigating Attraction Compatibility in an East Texas City. *International Journal of Tourism Research*, 10(3), 237–246. <https://doi.org/10.1002/jtr.652>
- ICOMOS. (1982). Historic Gardens – The Florence Charter 1981. [https://www.icomos.org/charters/gardens\\_e.pdf](https://www.icomos.org/charters/gardens_e.pdf)
- Instituto das Florestas e da Conservação da Natureza IP-RAM. (2024). Árvores Singulares da Macaronésia. <https://ifcn.madeira.gov.pt/florestas/arvores-singulares-da-macaronesia.html>
- Instituto Nacional de Estatística. (2024). Hóspedes (N.º) nos estabelecimentos de alojamento turístico por Localização geográfica. <https://www.ine.pt/>
- IPDT/GA. (2015). Plano Estratégico e de Marketing para o Turismo dos Açores. <https://www.ipdt.pt/>
- IPDT/SRTMI. (2023). Plano Estratégico e de Marketing do Turismo dos Açores – Horizonte 2030. <https://portal.azores.gov.pt/web/srtmi/pemta>
- Jardim Botânico José do Canto. (2024a). José do Canto Botanical Garden. <https://www.josedocanto.com/>
- Jardim Botânico José do Canto. (2024b). Visitantes do Jardim Botânico José do Canto de 2012 a 2023 [Realizado pedido específico].
- Kumar, P., et al. (2024). Urban heat mitigation by green and blue infrastructure: Drivers, effectiveness, and future needs. *The Innovation*, 5(2), 100588. <https://doi.org/10.1016/j.xinn.2024.100588>
- Lynch, K. (2017). *A imagem da cidade*. Edições 70.

- Madureira, H., Nunes, F., Oliveira, J. V., & Madureira, T. (2014). Benefícios atribuídos aos espaços verdes urbanos pela população: resultados de um inquérito conduzido em Lisboa e no Porto. *Livro de Atas do Pluris´14 “(Re)Inventar a cidade em tempos de mudança”*, 2311–2321.
- Magalhães, M. M. (2001). *A Arquitectura Paisagista - Morfologia e Complexidade*. Editorial Estampa.
- Mendes, M. C. (1986). Sistema de Espaços Verdes no Centros Urbanos. *Finisterra*, 21, 140–146. <https://doi.org/10.18055/Finis2043>
- Nonem, N. K. (Ed.). (2007). *Botanic Gardens: a living history*. Black Dog Publishing Limited.
- Noonan, L. (2023). The role of culture as a determinant of tourism demand: evidence from European cities. *International Journal of Tourism Cities*, 9(1), 13–34. <https://doi.org/10.1108/IJTC-07-2021-0154>
- Observatório do Turismo do Açores. (2024). Green Gardens Azores – Projeto. <https://www.otacores.com/greenga/>
- Park, J., Kim, J. H., Lee, D. K., Park, C. Y., & Jeong, S. G. (2017). The influence of small green space type and structure at the street level on urban heat island mitigation. *Urban Forestry & Urban Greening*, 21, 203–212. <https://doi.org/10.1016/j.ufug.2016.12.005>
- Porteiro, J. M., & Albergaria, I. S. (2016). A dimensão cultural das paisagens dos Açores. O contributo dos jardins históricos para a afirmação do turismo sustentável. *Atas do XV Colóquio Ibérico de Geografia*.
- Portos dos Açores. (2024). Estatísticas de Cruzeiros. <https://portosdosacores.pt/estatistica-cruzeiros/>
- Quintal, R. (2019). *Árvores dos Açores: ilha de São Miguel*. Letras Lavadas.
- Quintal, R. (2018). *Jardim Botânico José do Canto: 100 Árvores*. The Book Hut.
- Quintal, R. (2021). *Plantas do Jardim António Borges*. Letras Lavadas.
- SIARAM. (2014). Jardim António Borges. <https://siaram.azores.gov.pt/patrimonio-cultural/Jardins-dos-Acores/>
- Silva, S. (2020a). *Lazer e Turismo nos Jardins Históricos Portugueses. Uma Abordagem Geográfica*. Fundação Eng.º António de Almeida.
- Silva, S., Carvalho, P., & Adelino, L. (2023). Turismo de Jardins na Madeira: trajetórias de desenvolvimento e perspetivas futuras. *Cadernos de Geografia*, 47, 71–92. [https://doi.org/10.14195/0871-1623\\_47\\_5](https://doi.org/10.14195/0871-1623_47_5)
- Silva, S. S. (2020b). Para a História do Turismo na Ilha de São Miguel [Açores] – Notas sobre as Origens da Sociedade Terra Nostra. *Rosa dos Ventos*, 12(3), 635–649. <https://doi.org/10.18226/21789061.v12i3p635>
- Silveira, L., Santos, N., & Moreira, C. O. (2023). The Liberalisation of Air Transport and the Impacts on Travel and Tourism: the Case of the Azores Archipelago. *Sustainability*, 15(5). <https://doi.org/10.3390/su15054488>
- SREAC – Secretaria Regional da Educação e Assuntos Culturais. (2024). Visitantes do jardim do Palácio Sant’Ana de 2018 a 2023 [Realizado pedido específico].
- Urry, J. (2002). *The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies* (2nd). Sage Publications Limited.
- Wan, C., Shen, G. Q., & Choi, S. (2021). Underlying relationships between public urban green spaces and social cohesion: A systematic literature review. *City, Culture and Society*, 24, 100383. <https://doi.org/10.1016/j.ccs.2021.100383>
- Wong, N. H., Tan, C. L., Kolokotsa, D. D., & Takebayashi, H. (2021). Greenery as a mitigation and adaptation strategy to urban heat. *Nature Reviews Earth & Environment*, 2(3), 166–181. <https://doi.org/10.1038/s43017-020-00129-5>